

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO
COLÉGIO DOM BOSCO
Brasília - DF

Brasília, 10 de fevereiro de 1980

*Meus irmãos em Dom Bosco,
Cabe-me o dever de apresentar a vocês o que foi
a figura de nosso irmão*



Padre Henrique do Nascimento Teixeira

Estando em Brasília desde 1973, trabalhou com o Padre Roque Valiati, no Nucleo Bandeirante, na Paróquia de São João Bosco, até 1975. A partir de 1976 passou a fazer parte da nossa comunidade, vivendo no sítio do Colégio, não distante da Ermida Dom Bosco, às margens do lago de Brasília. O Senhor o chamou às 21 horas e 5 minutos de 10 de janeiro de 1980.

Acreditou no valor da vida. Amava a vida. E na vida, num sentir todo franciscano, apreciava a natureza. Sorria com tudo: com as histórias das coisas e com as coisas da história. Com sua alma "hippie", tinha pena de ouvir falar em guerras e coisas tais, sentindo em tudo isso a falta de verdade. A verdade ele a percebia - escondida mais diáfana - na flor, na luz do sol que até faz doer os olhos na limpidez deste Planalto Central.

Aprendeu e foi ensinando a olhar para as coisas, a apreciar tudo quanto existe na natureza, a sentir a beleza oculta até numa pedra quando a gente, devagar, começa a acariciá-la com as mãos. Alma de criança, brincava com Deus, para ele tão íntimo, mais íntimo que o Deus dos filósofos ou o profundo Deus dos teólogos. E a este Deus, que lhe deu alma para ser com as crianças, devotou, agradecido, o trabalho artesão de seus presépios, onde carinhosamente depositava a imagem, a ele tão querida, do Menino Jesus. Quantos Meninos Jesus não fabricou com suas mãos!

Nas rodas de conversas, as impressões ouvidas me permitem apresentar uma série de "flashes", mais ou menos convencionais, sérios ou alegres. Não houve preocupação de ordem ou cronologia. São apenas "flashes" a serem vistos com olhar de radiologista que procura sempre um significado na radiografia. Nada vendo, passa para outra.

sempre alegre, pobremente trajado; o padre de palavra fácil e incisiva nos sermões e no contato com o povo; o artista construtor de grutas e presépios.

* Marcou presença na Cabana do Pai Tomás, bairro-favela de Belo Horizonte. Lá fundou a Obra Salesiana, lá onde os crimes de morte eram rotina. Dom João Resente Costa, arcebispo de Belo Horizonte, seu professor, solicitou "provisoriamente" ao Provincial da época, Padre Pedro Prade, o trabalho do Padre Henrique naquele local, na falta do sacerdote diocesano encarregado. Na Cabana a polícia tinha receio de penetrar. Meses depois de iniciar os trabalhos, via-se transformado aquele ambiente. Os crimes foram diminuindo. A polícia já lá entrava não mais para reprimir. Qual a tática do Padre Henrique? — Divertir as crianças. Atrás delas vieram os adultos. Reativara as devoções populares, inculcando e implantando a devoção a Maria Auxiliadora e Dom Bosco. Construiu a nova igreja. Incansável no trabalho, era muito tolerante e compreensivo com as falhas do povo, com o qual se identificava e entre o qual era verdadeiramente venerado.

* Qualidades exímias apresentava sua personalidade, escondidas sob aparente sisudez ou circunspecção. Padre Henrique brincava sério e era sério brincando. Grande no trabalho, alegria e disponibilidade, em autêntico estilo salesiano. Profundo espírito de pobreza e interesse pelas nossas obras, apreciando muito o movimento dos Cooperadores. Incansavelmente entregue ao apostolado salesiano, sobretudo à difusão da devoção a Nossa Senhora Auxiliadora.

* Sem falar, pregava com o testemunho.

* Era piedoso: piedade simples, espontânea. Bastante "piadoso" também. Amava muito Jesus Sacramentado. Seu grande amor a Nossa Senhora era explicitado sobretudo na récita diária do rosário e nas construções de grutas marianas. Viveu o espírito de Puebla, mesmo antes de Puebla.

Prometeu-me orações para que eu fosse feliz na Teologia (1968)

* Transferi para ele o uso, usufruto e posse de minha última batina. Lá foi o Padre Henrique pra Cabana, de batina "nova e bonita". muito feliz e agradecido.

* Era a alegria das crianças com suas contínuas brincadeiras, seu João Minhoca, pela atenção que a elas dispensava. Mas o que mais nele impressionava era mesmo a pobreza e o desprendimento.

* Celebramos juntos uma festa em Prosperidade — Espírito Santo. As lavouras estavam sofrendo com um longo período de estiagem: os pastos, áridos. Padre Henrique conclama o povo para um tríduo de

Podiam os bonecos dizer coisas que o dono dos bonecos não podia falar livremente. Não havia censura oficial ou particular para eles. Apresentou-os a superiores, alunos, operários de fábricas, em seminários e mesmo em igrejas e capelas. Falaram os bonecos até para bispos.

Numa cidadezinha de Minas, Resende Costa, solucionaram um delicado problema da comunidade, não muito disposta a acolher o novo vigário. Ofereceu-se o Padre Henrique para resolver o impasse: lá foi ele com o seu João Minhoca & Família. Reunido o povo na igreja matriz, graças sobretudo à interferência do boneco que fazia as vezes do diabo, conseguiu modificar totalmente a maneira de pensar daquela comunidade que recebeu, em festas, o novo vigário.

* Ao fazer seu presépio no Santuário Dom Bosco de Brasília, para o Natal de 1979, disse: "Quero fazê-lo muito bonito. Vai ser o último de minha vida". E foi seu último trabalho, já quase prostrado pela doença. No hospital, participando da Missa lá celebrada pelo Capeião, a 6 de janeiro, disse aos que estavam com ele: "Os Reis Magos estão custando a chegar para mim".

* Morte brilhante a sua, se é que a morte pode ser brilhante para quem sofria há muito de câncer no estômago e se submetera, em meados de 1978, a uma operação de remoção de três tumores malignos já ramificados. Teria apenas, clinicamente declarados, uns três meses de vida; e acabou vivendo ano e meio a mais. No dizer do Dr. Egino Sarto — médico devotado e carinhoso amigo do Padre Henrique e que o estava acompanhando havia alguns anos — devia ter o nosso irmão sofrido muito: por sua índole, porém, pouco demonstrava.

* Escreveu João Bosco, um de seus inúmeros sobrinhos, ex-saleiano, em "BOMDEMAIS", periódico mensal de sua grande família:

"Ninguém me obrigou a ir para o seminário. Houve condicionamentos, como não os deixa de haver em qualquer condição de vida, infelizmente. Condicionamento foi toda uma cultura familiar e ambiental. Modelos foram vários. Destaco, entre eles, a figura do Padre Henrique. É verdade. Como marcou a minha infância: criança alguma tinha medo de chegar perto dele. Mas, com o crescer da capacidade crítica, do juízo, fui conhecendo melhor o querido tio, compreendendo-o mais. E a admiração só cresceu. Padre Henrique me cativou quando descobri no "padre" um homem que não fica d'istante: um homem fraco-forte, santo-pecador, ministro-servo; enfim, cheio de ambivalências peculiares do viajor, do caminheiro que tem objetivo final muito claro, mas que não deixa de contemplar, ao longo da caminhada, a paisagem lateral que pode até retardar o fim, mas que enriquece a viagem. E nesta viagem ele foi tremendamente simples, lindamente pobre, alternando pressa e lentidão, doçura e energia, sujeira e limpeza, missa e João Minhoca, Colégio Santa Rosa e orfanatos. Sei não: foi muito homem-de-Deus, excelente sinal para nós de quem ele não era diferente, exceto nas virtudes exímias da humildade, pobreza e fé evangélicas. Ele morreu. Tive a incumbência de vesti-lo, morto, com suas roupas engorduradas, manchadas, sujas de terra, como aquelas de muitos que o viram morrer, pobre como eles. Morto, no silêncio do velório, ele me viu chorar. Chorei a morte de um padre que anunciou um "DEUS CONOSCO", um Deus que a gente pode encontrar sem deixar de ser homem, um Deus que nos ama fracos, pecadores, caminheiros.

Padre Henrique nasceu em Oliveira, Minas Gerais, aos 29 de setembro de 1912, membro de uma família de quinze filhos, dentre os quais dois sacerdotes salesianos e uma religiosa franciscana. A família Nascimento Teixeira, a quem os Salesianos e sobretudo a Inspetoria São João Bosco muito devem, foi a principal responsável pela implantação da Obra Salesiana em São João del-Rei

Convidado, em criança, para ir para o Seminário Franciscano de Divinópolis, teve, como colega, Frei Orlando, capelão da FEB, morto nos campos da Itália. Não se adaptou a vida conventual. Os caminhos de Deus eram outros. Por influência de um irmão, então clérigo salesiano, foi em 1926 para o Ginásio São Manuel de Lavrinhas - SP, começando aí sua vida salesiana e logo se apaixonando pelo trabalho no Oratório Festivo. Após as várias etapas de formação, vividas nesse aspirantado e em Araxá, concluiu seus estudos no Instituto Teológico Pio XI, em São Paulo, onde se ordenou sacerdote aos 8 de dezembro de 1940. As casas de Niterói, Pará de Minas, Cachoeira do Campo, São João del-Rei, Goiânia, Vitória e Belo Horizonte foram sucessivamente seus campos de trabalho sacerdotal antes de Brasília.

A figura do Padre Henrique, com seu jeito de ser, sua forma de viver, seu descompromisso diante do convencionalismo, das coisas complicadas, certinhas e filosoficamente estudadas, faz nascer em nós algumas considerações.

* O evangelho de sua infância conta que, já pelos dez anos, em sua terra natal, catequizava os companheiros e aduitos. Rezava com todos o terço, com eles fazia as orações próprias do cristão, ensinava o catecismo e, à semelhança de Joãozinho Bosco, repetia e expiicava os ensinamentos ouvidos do pároco. Organizava grandes procissões (permitida a comparação) tão concorridas como as da paróquia da cidade. Seu centro catequético ficava numa capelinha de uns 25 metros quadrados, em frente à residência de um de seus tios, num bairro pobre, e nas escadarias laterais diante do casarão onde nasceu. Caixotes sobrepostos, muitas vezes eram o seu púlpito. Desde pequeno construía presépios em que manifestava verdadeira inspiração de artista: presépios que sempre convidavam à oração e à meditação. Tinha verdadeira obsessão pelos pobres, crianças ou velhos. Visitava-os. Comia com eles, com eles partilhando os alimentos, roupas, brinquedos e, sobretudo, sua palavra e presença amigas.

* Na Revolução Constitucionalista de 1932, com o Padre Questor Avelino de Barros, foi encarregado de tomar conta da casa de Lavrinhas. Salesianos e alunos foram forçados a se transferirem para São Paulo, dados os perigos e necessidades por que estavam passando. Uma granada lançada de um avião (o célebre "Vermelhinho") caiu, sem explodir na capela. Prejuízos foram apenas um rombo no teto e uma cratera aberta diante do altar-mor onde estava a belíssima imagem de Maria Auxiliadora, vinda da Espanha.

"NOITE ILUSTRADA" — a "Manchete" da época — publicou várias fotos do seminarista Henrique, de batina, descalço, na capela e dependências do colégio, transformado em hospital de sangue, alvo perigoso de combates. Tal reportagem foi o único veículo de notícias chegadas aos parentes em São João del-Rei dos quais se achava completamente isolado havia três meses. Terminada a Revolução, os superiores autorizaram-no a visitar a família. Nessa visita, seu velho Pai deliciou-se com uma camisa que Henrique estava usando sob a batina. Perguntou-lhe: "Qual é a fazenda original?" — tal o intrincado de retalhos costurados.

* Frei Henrique de Coimbra — como era por mim chamado carinhosamente — foi meu assistente em Lavrinha, em 1933. Estava eu na 4.^a Série, preparando-me para o noviciado. Como assistente, gostava dele pelo modo aberto, tolerante, fraterno de nos tratar. Era para nós mais um companheiro, ma's um irmão mais velho que um assistente compenetrado. Em 1940 tive-o como colega no Instituto Teológico Pio XI. Nada apresentava de extraordinário, afora o espírito de piedade e grande amor aos Oratórios Festivos. Quase maníaco por presépios, grutas de Lourdes, trabalhos braçais, com aquele jeitão mais sorriso, às vezes meio enigmático, otimista, companheiro sempre em disponibilidade. Anos depois, como seu diretor no Ateneu Dom Bosco de Goiânia, de 1956 a 1959, vi nele o "vir obediens", o amigo da garotada,

orações. Confissão geral. A festa terminou com uma chuva abundante. Isto aconteceu por fevereiro de 1954.

* Em sua ascese, procurava castigar o corpo também com longas e pesadas caminhadas, a título de exercício salutar à saúde. Tomava condução só quando não havia mais jeito. Quando diretor do Oratório São Caetano, em São João del-Rei, fazia a pé o longo percurso de ida e volta do Oratório até a Escola Padre Sacramento. Espirituoso e inteligente nas piadas de momento, mantinha-se permanentemente alegre, sem espalhafato.

* Deu sabor evangélico à sua vida. Profundamente humano, sabia aceitar-se com suas limitações e aceitar as limitações dos outros.

* Suas passagens pelo Ginásio de Silvânia sempre nos proporcionaram momentos de alegria por sua simplicidade e alegria profundas. Os meninos ficavam encantados com seu modo de ser. Entre eles era menino também.

* Foi o primeiro salesiano que conheci, levado por meu irmão mais velho ao Colégio Salesiano Santa Rosa onde, mais tarde, fui matriculado (1947). Ressalto o que mais me impressionou no Padre Henrique: sua presença constante entre nós, alunos, e um grande amor a Dom Bosco, transbordante em suas aulas de Religião e na dedicação ao Oratório Festivo. O contato com ele, nos meus primeiros anos do curso ginásial, despertou em mim uma admiração pela Obra Salesiana; e a isto atribuo a minha vocação.

* Os colegas de ordenação, por iniciativa do Padre Henrique, assumiram um compromisso de honra ao deixarem o Instituto Teológico Pio XI: "Trabalhar pelos Oratórios Festivos". Foi fiel a este propósito. Mesmo quando o trabalho sistemático foi arrefecido, a filosofia continuou. A propósito, logo depois de ordenado foi para Niterói, como encarregado do Externato. Os comentários apontam esse período como um período áureo do Oratório Festivo daquele colégio.

* Construiu mais de quarenta grutas em louvor de Nossa Senhora de Lourdes, com uma intuição toda própria, contra todas as normas da engenharia, servindo-se apenas de pedras e cimento. Estão elas espalhadas pelo Centro-Oeste e Sul do Brasil. Muitas graças nelas já foram obtidas de Nossa Senhora. Inúmeros convites para novas grutas, vindos de autoridades e até de Departamentos de Estradas, ficaram sem poder ser atendidos.

* Muito marcante foi o seu "João Minhoca" (gostava de ser chamado de João Minhoca pelas crianças) com os vários personagens daquele conjunto de bonecos. Deles se servia o Padre Henrique, desde os últimos anos da Teologia, para distração dos colegas de estudos, das crianças e... dos adultos. Fazia com eles verdadeiros sermões.

Mas tem uma coisa: se a eternidade não for muito divertida, o Padre Henrique volta para cá".

* Ao final do mesmo número de "BOMDEMAIS" vamos encontrar ainda:

"Após dois anos de câncer conhecido, morre em Brasília o Padre Henrique, assistido pelo Padre Raimundo, vários sobrinhos e amigos. Missa com dúzia e meia de padres, arcebispo e bispo de Brasília. Notável e lindo: a presença dominante dos pobres. Eles estavam lá, não porque o Padre Henrique estivera com eles, mas porque era um deles. Padre Raimundo e "só" Nereu, dois dos três irmãos que ainda restam, testemunhando a fé na ressurreição".

*Aqui fica, com os agradecimentos dos alinhavos feitos pelo seu irmão salesiano, Pe. Raimundo e da calabro-
ração de muitos salesianos, um pouco do muito que foi
a caminhada do padre Henrique. Em sua trajetória de
homem, entre compassos e descompassos, foi fazendo sua
história. E, ao "despir seu ser cansado e humano", na
expectativa do nascimento do dia que o Senhor sabe qual
é, sua confiança em nossas orações.*

Em Dom Bosco,

*De Gervásio Bassini Sobrinho
Diretor*

Dados para o Necro lógio

PADRE HENRIQUE DO NASCIMENTO TEIXEIRA

* Oliveira - MG - 29 de setembro de 1912

† Brasília - DF - 10 de fevereiro de 1980. Com 68
anos de idade, 39 de sacerdócio e 49 de profissão re-
ligiosa.